

As cartas do Padre Baltasar Barreira: fontes para o estudo da religião na Costa da Guiné (Século XVII)

Father's letters Baltasar Barrier: sources for the study of religion in the Guinea Coast (Century XVII)

Jeocasta Juliet Oliveira Martins

Mestranda em História

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

jeocasta@hotmail.com

Recebido em: 16/06/2014

Aprovado em: 11/07/2014

RESUMO: Este artigo analisa o percurso geográfico, a vida e as cartas que o Padre Baltasar Barreira escreveu quando foi enviado como superior da primeira missão jesuíta para a região da Guiné, no século XVII. O objetivo deste texto não é realizar uma abordagem idealizada deste missionário jesuíta, pretende-se demonstrar como suas cartas podem ser utilizadas como fonte histórica para o estudo da religião na Costa da Guiné. Os esforços deste artigo vão no sentido de demonstrar como fontes europeias podem e devem ser utilizadas na construção da História da África.

PALAVRAS-CHAVE: Missionarismo, religião, Guiné.

ABSTRACT: This paper analyzes the geographical backgrounds, life and letters that Father Baltasar Barreira wrote when he was sent as superior of the first Jesuit mission to the region of Guinea, in the seventeenth century. The aim of this paper is not to perform an idealized this Jesuit missionary approach seeks to demonstrate how your cards can be used as a historical study of religion to the Guinea Coast source.

KEYWORD: Missionarismo, religion, Guinea.

Introdução

Sem dúvida os impulsos por trás do que se conhece como “Expansão Marítima” surgem de uma mistura de fatores econômicos, estratégicos, políticos e religiosos.

Entre os motivos religiosos que inspiraram dirigentes portugueses a incentivarem as navegações estão o fervor empenhado na cruzada contra os muçulmanos e o desejo de universalizar a fé cristã.¹ A motivação religiosa que impulsiona as descobertas portuguesas está claramente expressa em três bulas papais (Dum diversos 1452/ Romanus Pontifex 1455/ Inter Coetera 1456), que reforçam o poder e o dever de Portugal de fornecer assistência religiosa (enviar missionários, erigir dioceses, apresentar candidatos ao bispado e aos demais benefícios

¹ BOXER, Charles. *O império marítimo português 1415-1825*. Tradução Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 34.

eclesiásticos) aos territórios “descobertos”.² Neste sentido, é fácil compreender a razão que levou as Ordens Religiosas a acompanharem logo os primeiros povoados, no sentido de fornecerem os primeiros serviços religiosos e catequizarem as comunidades locais, ajudando no projeto de tentativa de colonização.

É neste contexto de viagens marítimas e divulgação do catolicismo que se insere o Padre Baltasar Barreira³, jesuíta português que percorreu diferentes regiões do Atlântico Português, foi um dos religiosos mais influentes no processo missionário do reino de Angola e o superior da missão enviada à Guiné do Cabo Verde, em 1604.

Este artigo pretende analisar a vida e o discurso de um missionário que pode ser caracterizado como um “homem atlântico”⁴, na medida em que se deslocou por este espaço e construiu representações sobre o mesmo. Representações que podem ser acessadas através das correspondências enviadas com periodicidade ao Rei e ao superior da Ordem em Lisboa. Pretende-se demonstrar que através do estudo do *stock cultural*⁵ do Padre Baltasar Barreira e de um trabalho metodológico com suas cartas podemos acessar o universo cultural das populações nativas. Mostrando, portanto, que suas cartas são fontes importantes para os historiadores que estão envolvidos no trabalho de construção de uma História da África.⁶ Logo, a intenção deste artigo não é fortalecer uma visão idealizada, que tende a supervalorizar a vida e as ações do Padre Baltasar Barreira e tampouco realizar um julgamento negativo de suas ações. A intenção é demonstrar como suas cartas são importantes fontes a disposição do historiador.⁷

² RECHEADO, Carlene. *As missões franciscanas na Guiné (Século XVII)*. 118f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa. Setembro de 2010. p.7-18.

³ O nome deste padre aparece nas fontes grafado de duas formas distintas: Baltazar e Baltasar. Com a finalidade de padronizar o texto, utilizarei neste artigo, Baltasar, uma vez que, foi a forma mais frequente.

⁴ Entende-se por “homem atlântico” o homem que viveu no contexto que muitos historiadores definem posteriormente de “Mundo Atlântico”. A perspectiva de um “Mundo Atlântico”, de uma “Atlantic History”, é a perspectiva de uma História das interconectividades, ou seja, a ideia de que a partir da exploração e conhecimento do Atlântico foi desenvolvido um grande intercâmbio (demográfico, econômico, social e cultural). Neste sentido, pode-se pensar a “Atlantic History”, como uma “connected history”, no sentido de fazer aparecer às conectividades, as conexões. Entre os defensores da “Atlantic History”/ “Conected History” estão Russel Wood e Serge Gruzinski. Para um estudo mais aprofundado do tema, cf. A.J.R. Russel Wood. *Sulcando os mares: Um historiador do Império português enfrenta a Atlantic History*. *HISTÓRIA*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2009. GRUZINSKI, Serge. *Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories*. *Topoi*. Rio de Janeiro, março, n. 2, 2001.

⁵ Entendido, na acepção de José da Silva Horta como um saber constituído, registrado e codificado, só assimilável pelos membros de uma dada cultura, únicos detentores do código. In: HORTA, José da Silva. *A representação do africano na literatura de viagens, do Senegal a Serra Leoa (1453-1508)*. *Revista de História dos Mares*, n. 2, Lisboa, 1991, p.209.

⁶ Acreditamos, portanto, que o estudo destas cartas tem um papel mediador, uma vez que, as “representações” presentes nestas correspondências pertencem a História da Europa e a História da África. Logo, como afirma José da Silva Horta, elas tem um posicionamento de charneira. In: HORTA, José da Silva. *Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações*. DE ACTAS DO COLÓQUIO ‘CONSTRUÇÃO E ENSINO DA HISTÓRIA DE ÁFRICA’, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1995, p.197.

⁷ Beatriz Heintz e Adam Jones ressaltam a importância da utilização de relatos de viagem e cartas missionárias como fontes disponíveis para o historiador na construção da História da África. Apontam que ao trabalhar com este tipo

Os fragmentos da Vida de um Padre

Baltasar Barreira nasceu na Vila de Sacavem, Lisboa, em 1538. Era filho de pais nobres, seus pais chamavam-se Rodrigo de Carmona e Margarida Fernandes. Sobre sua infância e sobre o período anterior a sua entrada na Companhia há poucos registros.⁸

Barreira estudou na Universidade de Coimbra (famosa e única em Portugal no período). Por influência de um fidalgo, amigo de seu pai, fez uma viagem à Sevilha. Em Sevilha, resolveu mudar seu projeto de vida. Retornou à Coimbra e começou a procurar uma Ordem Religiosa para ingressar. Procurou primeiro aos franciscanos, mas por fim ingressou na Companhia de Jesus, em 1556. Cursou seis anos de humanidades, com formação em Filosofia e Teologia. Durante a sua formação foi influenciado pelo ideal de conversão formulado pelos jesuítas, baseado nos princípios metodológicos do Padre Suarez, que previam determinadas regras como a exigência de uma boa pregação da Fé, sem violação da lei natural e a aquisição de proselitismo sincero. O padre Suarez afirmava que os missionários não podem forçar os “infieis” a abandonarem os seus “rituais”. Por isso, o padre determina que a catequização deva começar pelo “Rei gentio” que, “uma vez conhecedor de Deus, tem o poder público de obrigar os seus súditos a essa crença.”⁹ Este ideal de conversão formulado pelo Padre Suarez serviu de referência para os jesuítas, inclusive para o Padre Baltasar Barreira, como veremos ao estudar seu programa de missão em Cabo Verde, Guiné e Serra Leoa.

Após concluir sua formação foi professor de humanidades da segunda classe do Colégio de Évora, em 1559. Em Évora, o Padre Baltasar Barreira entrou em contato com o fervor missionário da época. Entre o período de 1559 a 1563, alguns episódios importantes influenciaram a vida religiosa do Padre Barreira: a embaixada enviada pelo *mani Congo*¹⁰ a Lisboa solicitando missionários e relações comerciais, a partida da primeira expedição de jesuítas para Angola e a influência do Padre Cornélio Gomes (que retornou, em 1555, da primeira missão dos jesuítas no Congo e publicou, em 1556, o primeiro catecismo em Kikongo).¹¹ Acredita-se,

de fonte, o historiador deve estar atento ao filtro cultural do viajante, ter atenção a intenção e direcionamento da obra e cautela diante de traduções dos textos. Para mais informações sobre este debate, cf. JONES, Adam; HEINTZE, Beatrix. Introduction. *Paideuma*, v. 33, 1987.

⁸ As informações sobre a vida do Padre Baltasar Barreira foram retiradas dos seguintes textos: LEITÃO, José Augusto Duarte. A Missão do Padre Baltasar Barreira no Reino de Angola (1580-1592). *Lusitana Sacra*, 2ª série, 1993. CASTRO, Graça Maria Correia de. *O percurso Geográfico e Missionário de Baltasar Barreira em Cado Verde, Guiné, Serra Leoa*. Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, 2001.

⁹ CASTRO, *O percurso geográfico e missionário de Baltazar Barreira em Cabo Verde, Guiné, Serra Leoa*. p. 37-38.

¹⁰ Título pelo qual era denominado o chefe político do Reino do Congo. Reino relativamente forte e estruturado, formado por grupos bantos e que abrangia grande extensão da África Centro Ocidental. In: SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p.62.

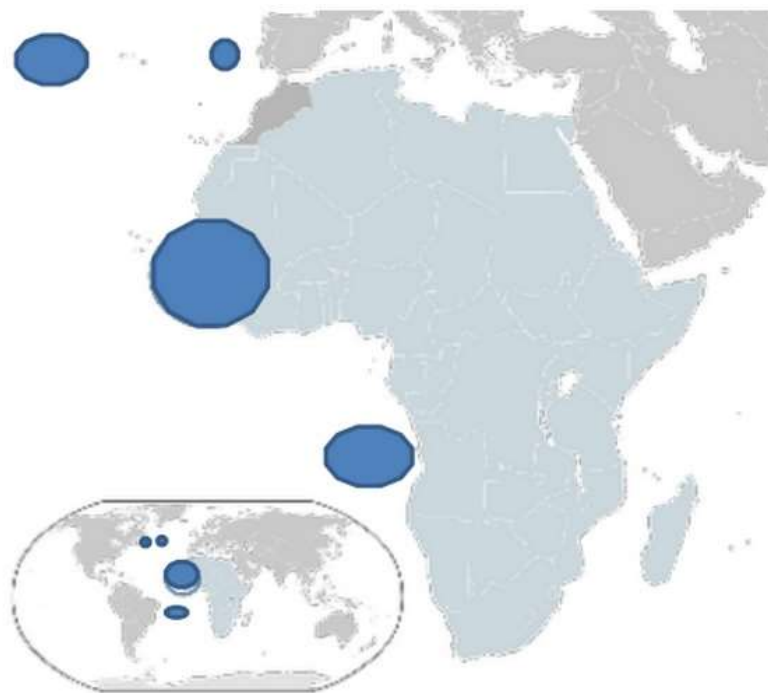
¹¹ DUARTE LEITÃO, *A Missão do Padre Baltasar Barreira no Reino de Angola (1580-1592)*, p.48.

portanto, que o contexto de valorização da missão marcou a vida e o interesse do Padre Baltasar Barreira que, alguns anos depois, foi enviado para realizar missões na África.

Em 1569, o Padre Baltasar Barreira dedicou-se a socorrer as vítimas da peste bubônica que perturbava Lisboa. Em 1570, foi enviado para os Açores integrando o grupo de jesuítas responsáveis por fundar o Colégio da Ilha. Retornou a Portugal para ser Mestre de noviços em Évora. Em 1579, com 41 anos, foi para Angola para fortalecer a missão, já que dois dos missionários enviados, em 1575, com Paulo de Novais, haviam falecido. Durante o tempo que esteve em Angola, de 1579 a 1592, construiu a igreja de São Paulo de Luanda, atuou como chefe militar e parceiro de Paulo de Novais na luta contra o *Ngola* e atuou de forma ativa no comércio de escravos.

Em 1592 retornou para Portugal e em 1603 assumiu novamente o posto de chefe dos noviços. Em 1604, desembarcou na Ilha de Santiago, com 66 anos de idade, como superior da primeira missão de jesuítas enviados a “Guiné do Cabo Verde”.¹² Em 1612, o Padre Baltasar Barreira faleceu em Santiago, Cabo Verde.

O objetivo de escrever sobre a vida do Padre Barreira está relacionado com a intenção de demonstrar como este religioso percorreu diferentes espaços, teve acesso a distintos ambientes culturais e produziu durante suas viagens um *corpus* epistolar que serve como uma importante fonte para o historiador.



Mapa 1- Este mapa foi incluído com o objetivo de demonstrar a localização dos espaços geográficos percorridos pelo Padre Baltasar Barreira nas missões de 1570 (Açores), 1579 (Angola) e 1604 (Guiné do Cabo Verde).

¹² GONÇALVES, Nuno da Silva. Os jesuítas Portugueses e a Serra Leoa/ A Atividade do Padre Baltasar Barreira. *Brotéria*. nº141. 1995, p. 549.

Missionários na Costa da Guiné

Diante da dificuldade de analisar todo o percurso e ação missionária do Padre Baltasar Barreira este artigo trabalha com os anos entre 1604 a 1612, período em que o padre esteve envolvido na Missão da Guiné. Para analisar as representações construídas por este jesuíta durante esta missão, foi utilizado um conjunto de 21 cartas produzidas pelo padre e destinadas a sete entidades (Padre Antonio Mascarenhas- Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, Padre Manuel de Barros- Companheiro de Missão em Cabo Verde, Conde Meirinho- Mor, Padre João Álvares- Assistente da Companhia de Jesus da Província de Portugal em Roma, Padre André Álvares – Procurador Geral da Companhia de Jesus em Portugal, Rei Felipe II- Rei da União Ibérica e Padre Jerónimo Dias- Provincial dos Jesuítas). As cartas utilizadas na elaboração deste artigo encontram-se na obra monumental do Padre António Brásio, *Monumenta Missionária Africana*, no volume quatro, da segunda série África Ocidental.

Antes de realizar uma análise do discurso produzido pelo Padre Baltasar durante esta missão, é importante destacar o contexto histórico em que os missionários foram enviados. De 1580 a 1640, a Coroa portuguesa esteve unida a Coroa de Castela, o que significava que Felipe II de Espanha, I de Portugal, passava a tomar as decisões referentes a estes Reinos e a seus respectivos “Impérios”. Antonio Correia e Silva, afirma que durante este período:

Cada vez mais se aprofundava a linha de divisão e antagonismo entre a Península Ibérica, católica e obstinada em defender os seus “direitos históricos”, e o Norte europeu, protestante e ávido em conquistar ele também, quinhões do comércio e das terras exclusivamente repartidas entre os ibéricos. A união ibérica vai aprofundar até o extremo o antagonismo atrás referido.¹³

Entre os resultados desta União podemos citar: o aumento da capacidade de defesa militar e ao mesmo tempo uma intensificação das violações do exclusivismo, principalmente por parte da Inglaterra e das Províncias Unidas. Isto é perceptível, no final do século XVI e início do XVII, na região da Guiné, onde ocorreu um aumento da pirataria e contrabando. Ingleses, franceses e “holandeses” desviavam suas rotas do arquipélago de Cabo Verde com a finalidade de evitar o pagamento de impostos. Esta atitude prejudicava os interesses da elite cabo verdiana que se encontrava em crise econômica e também prejudicava os ganhos da Coroa. Diante disto, a elite de Cabo Verde percebe a necessidade de iniciar um processo de colonização do litoral africano. Esta elite solicita, então, uma presença mais efetiva da Coroa na região e o envio de religiosos. Exemplo disto é o relato de viagem produzido pelo mestiço, cabo verdiano, André Álvares Almada, em 1594, em que afirma:

¹³ SILVA, Antonio Correia e. Cabo Verde e a Geopolítica do Atlântico. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coord.) *História Geral de Cabo Verde*. Volume II. Lisboa (Portugal): Instituto de Investigação Científica Tropical; Praia (Cabo Verde): Instituto Nacional de Cultura.1995. p.14-15.

Povoando-se [refere-se a região da Guiné] resultará muito serviço a Nosso Senhor na Cristandade que haverá, e permitirá, que pois a Europa está tão confinada de muitas heresias, a Sua Santa Fé se aumenta e acrescenta na terra destes gentios; e se acrescentará a fazenda de sua majestade. Abrindo esta porta aos vassallos se fecharão aos estrangeiros, os quais enriquecem as suas terras com o que destas partes levam; e dela podem correr para a Costa da Malagueta, e cessarão os Franceses e Ingleses.¹⁴

Diante da crescente presença de piratas e corsários na região e da pressão da elite local de Cabo Verde é enviada a primeira missão jesuíta. Cabe ressaltar que esta missão não alcançou os êxitos esperados, nem tampouco, conseguiu ajudar a efetivar a colonização da região. Uma vez que, apesar da Região da Guiné ter sido ostensivamente reivindicada pelos portugueses como sua área de domínio, esta região “não estava, no entanto ligada à Coroa Portuguesa por nenhum laço real e efetivo de dependência política.”¹⁵

Foi neste contexto histórico que, em 1604¹⁶, ao ser indicado pela Companhia de Jesus como superior da Missão enviada a “Guiné do Cabo Verde”¹⁷, missão composta por três sacerdotes (Padre Manuel Barros, Padre Manuel Fernandes e o próprio Baltasar Barreira) e um irmão (Pedro Fernandes), Baltasar Barreira agradeceu a indicação e afirmou ter força e saúde para ajudar a curar o “desamparo de tantos milhares de almas”¹⁸ e reforçou seu espírito de missionação, ao afirmar:

Eu, pela bondade do Senhor, tenho mais saúde, que quando fui a Angola, e vim de lá, mais do que quando fui a Castela, e tornei, e tanto que dá neste Colégio matéria de louvar a Deus; ao qual ajunto, que me acho melhor no mar que na terra, e nas terras quentes que nas frias.¹⁹

Através deste trecho percebe-se o espírito cruzadista do Padre Baltazar, este espírito influenciou seu olhar durante o início da missão, que tendia a descrever como os padres eram bem recebidos e como o processo de conversão seria um sucesso.

¹⁴ ALMADA, André Álvares de. *Tratado Breve dos Rios da Guiné do Cabo Verde (1594)*. Leitura, introdução, modernização do texto e notas de Antonio Luís Ferronha. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses.1994.p.132.

¹⁵ SILVA. *Cabo Verde e a Geopolítica do Atlântico*, p.11.

¹⁶ É importante salientar que neste mesmo ano, 1604, com a finalidade de aumentar a presença institucional e burocrática lusa na costa, Cacheu foi elevada a condição de cidade.

¹⁷ “Guiné do Cabo Verde”, “Rios de Guiné”, “Rios de Guiné do Cabo Verde” são expressões que foram utilizadas pelos viajantes nas próprias fontes do período das navegações portuguesas, para denominar o espaço geográfico que compreendia todos os portos e rios entre o Rio Senegal e a Serra Leoa. Este espaço também incluía Cabo Verde. In: HORTA, José da Silva. “O nosso Guiné”: representações luso-africanas do espaço guineense (sécs. XVI-XVII). ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL “ESPAÇO ATLÂNTICO DE ANTIGO REGIME: PODERES E SOCIEDADES.” Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 2005. p. 2.

¹⁸ “Carta do Padre Baltazar Barreira ao Padre Antonio Mascarenhas”, 16/3/1604. In: BRASIO, Antonio Padre. *Monumenta Missionária Africana. África Ocidental (1570-1600)*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1965, IV, p.35,37. A partir deste momento, será utilizado *MMA*, para abreviar a referida obra.

¹⁹ CARTA do Padre Baltazar Barreira ao Padre Antonio Mascarenhas, p.35-36.

Ao chegar a Santiago²⁰, ele descreve uma recepção entusiasmada do povo e das autoridades, “fomos recebidos com grande aplauso e alegria de toda a terra”²¹, descreve uma visão favorável do clima e espaço, “é muito menos doentia que antes, (...), e acho mais tolerável que Angola, além de outras comodidades a que leva vantagem”²², descreve a qualidade da terra, “porque tudo o que quer plantar e semear se dá muito bem”²³, e conclui que “pelo que tenho visto nesta terra, não duvido de nossa ficada nela”²⁴. Percebe-se, portanto, como o padre manifestava-se confiante no futuro da missão e as suas grandes expectativas iniciais. Expectativas que são lançadas também sobre o território da Costa, Baltasar nesta mesma carta afirma, em relação à Guiné:

[...] e assim ainda contra minha vontade, fico esperando o mês de Outubro para ir com o beneplácito e parecer de todos [a Guiné], e de lá espero mandar tão boas informações da disposição daqueles Reis e gentilidade para receber nossa santa fé católica, que se tome assunto sobre nossa ficada e perpetuação nestas partes.²⁵

Este otimismo inicial vai aos poucos sendo destruído. Uma vez que, o clima não se mostra tão tolerável e cómodo como afirmava o padre, prova disso é o falecimento de dois dos seus companheiros de missão, Padre Manuel Fernandes, em agosto de 1604 e do Padre Manuel de Barros em outubro de 1605. Além das dificuldades de adaptação ao espaço, Baltasar Barreira encontra também na Costa da Guiné outras dificuldades ao sucesso da missão: a presença de missionários islâmicos na região²⁶, a dificuldade em combater as religiões africanas e o problema da subsistência dos padres e do fortalecimento da missão diante da pouca assistência financeira da Coroa.

A análise que se segue refere-se ao modo como foram representadas as “nações africanas” influenciadas pelo islamismo e como foram percebidas as praticas religiosas africanas pelo missionário. Tentando compreender como as religiões presentes naquela região ajudaram a estabelecer o fracasso da missão jesuíta.

A ótica negativa sobre os islamizados

²⁰ Santiago era a principal ilha do arquipélago de Cabo Verde, onde estava localizada a cidade da Ribeira Grande. Era a sede do bispado de Cabo Verde, que foi criado em 1533, e que cobria o arquipélago e a costa.

²¹ CARTA do Padre Baltazar Barreira ao Provincial de Portugal, 22/7/1604, *MM4*, IV, p. 41.

²² CARTA do Padre Baltazar Barreira ao Provincial de Portugal, p. 46.

²³ CARTA do Padre Baltazar Barreira ao Provincial de Portugal, p. 47.

²⁴ CARTA do Padre Baltazar Barreira ao Provincial de Portugal, p. 46.

²⁵ CARTA do Padre Baltazar Barreira ao Provincial de Portugal, *MM4*, IV, p.46.

²⁶ Sobre a influência do islamismo na Guiné foram consultados os seguintes textos: SANTOS, Beatriz Carvalho. *Entre Mouros e Cristãos: os Mandingas da “Guiné do Cabo Verde. Sécs. XVI e XVII.* 105f. Dissertação (Mestrado em História). UFF. 2013.e MOTA, Thiago Henrique. *A outra cor de Mafamede: aspectos do islamismo da Guiné em três narrativas luso-africanas. 1594-1625.* 281f. Dissertação (Mestrado em História). UFF. 2014. Com relação a dificuldade de propagação do catolicismo na região da Guiné devido a intensa concorrência dos missionários islâmicos (bexerins), foi consultado o artigo escrito por Vanicléia Silva Santos: Bexerins e jesuítas: religião e comércio na costa da Guiné (século XVII), publicado na *Revista Metis*, v. 10, nº19.

Em linhas gerais, ao observar os relatos de viagem e as cartas missionárias dos portugueses, é possível averiguar como eram vistos por uma ótica negativa os africanos islamizados. Nas cartas do Padre Baltasar Barreira, a construção desta imagem negativa fica clara. Quando é indicado como superior da missão para a Guiné, já demonstra que tem conhecimento sobre a presença do islamismo naquela região.²⁷ Uma vez que, ao aceitar a missão afirma que é necessário salvar as almas de muitos que estão sendo contaminados pela “maldita seita de Mafamede”.²⁸ Percebe-se, portanto, que o seu discurso será influenciado pelo contexto das cruzadas contra os muçulmanos. Logo, sua perspectiva sobre os povos africanos influenciados pelo Islã será extremamente pejorativa.

Além de representar os povos islamizados como falsos e traiçoeiros, o seu discurso tende a distinguir os islamizados dos “gentios”, reforçando a perspectiva de que os “gentios” são mais facilmente convertidos que os islamizados:

A disposição para se fazer fruto nesta gentildade em uns é grande e em outros não; daqueles que já receberam a seita de Mafoma não parece que há que tratar, os outros que somente a cheirarão e ainda tem ídolos que adoram pode haver mais esperança, e já um Rei destes me deu palavra que se faria cristão e escreveu sobre isso a Sua Majestade, mas os que estão mais dispostos para receber a nossa Santa Fé, são estes reinos da Serra Leoa e outros vizinhos a eles, por não terem notícia de Mafoma e de sua lei.²⁹

Este ponto de vista está ligado ao fervor empenhado na cruzada contra os muçulmanos. Após longos anos de peleja dos cristãos na “reconquista e reintegração” da Península Ibérica, este processo ficou marcado na memória e no discurso de muitos homens ganhando muitos partidários ao longo dos séculos.³⁰ Durante a reconquista estes muçulmanos foram vistos como inimigos. Isto explica a preocupação de viajantes portugueses, cabo-verdianos e missionários em descrever de forma negativa a influência do islamismo na Guiné. Isto também explica o fato destes personagens descreverem os Jalofos e os Mandingas como povos de difícil conversão. Uma vez que, os portugueses já tinham um conhecimento sobre a religião islâmica e já haviam

²⁷ De acordo com Alberto da Costa e Silva, após a morte de Maomé, em 632, os árabes unificados por Maomé, abalaram o poder do Império Bizantino e conquistaram o Iraque, a Síria, a Palestina, a Pérsia, a Armênia, a Ásia Menor, o Egito e os litorais da África do Norte até a Tunísia. Acrescentaram a seus domínios, no final do século VII, o Afeganistão, a Índia e quase todo o norte da África. Os árabes islamizados acreditavam que era obrigação do crente, ampliar os territórios sob o governo dos fiéis, para isto realizavam a guerra santa (jihad). Vale ressaltar que a expansão do islamismo esteve intimamente ligada a expansão das rotas comerciais transaarianas. Isto não significa, contudo, que os árabes controlavam todo o comércio transaariano, já que grande parte deste comércio continuava na mão dos berberes islamizados. Estes berberes islamizados tiveram papel importante na difusão do islamismo na África. Uma vez que, eram eles que chegavam a diferentes espaços no território africano em busca de mercadoria e com a intenção de estabelecer comércio. Através deste contato difundiam também o islamismo. In: SILVA, Alberto da Costa e. Nas terras do Islame. In: *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

²⁸ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre Antonio Mascarenhas, 16/3/1604. In: MMA. 1965, IV, p.35.

²⁹ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre João Álvares, 01/8/1606. In: MMA. 1965, IV, p.172.

³⁰ Paiva, Daniela Rabelo Costa Ribeiro. *As descrições da cidade de Lisboa: escrita, poder e sociedade no Portugal dos Felizes*. 112f. Dissertação (Mestrado em História). UFF. 2013.

lutado, durante vários anos, contra os muçulmanos. O que não significa, que o discurso produzido pelos missionários de que os “gentios” seriam facilmente convertidos seja verdadeiro. Já que, “os poucos anos de missão iriam revelar que os povos da costa ocidental africana possuíam manifestações culturais e hábitos ancestrais bem enraizados, como a poligamia, cultos, rituais e algumas cerimônias fúnebres, de que não abdicavam facilmente”.³¹ Acreditamos que a visão inicial dos jesuítas de que os “gentios” seriam facilmente convertidos, tem relação com uma interpretação otimista dos jesuítas e algumas primeiras conclusões ao chegarem à região.

Nas suas cartas, Baltasar Barreira identifica como islamizados os Fulas, os Jalofos e os Mandingas. Sobre os fulas, ele afirma: “Este Rio (Senegal) da banda do Norte, começando da costa, é povoado dos fulos, gente polida e guerreira, que segue a seita de Mafoma, a qual chegou de poucos anos a esta parte, do trato e comércio que com eles tem os Mouros de Berberia [...]”³². Na mesma carta, Baltasar afirma que os Fulas não bebem vinho e também não comem carne de porco.³³ A recusa ao vinho e a carne de porco está ligada a apropriação de alguns aspectos do islamismo pelos Fulas. Todavia, é importante observar, como destaca Thiago Mota, que estes povos islamizados não deixavam de associar ao islamismo alguns aspectos da sua tradição, costumes ancestrais como à descendência matrilinear e aspectos do código legal tradicional (juramento da água vermelha/juramento do fogo).³⁴ Fica claro, portanto, que estes povos não eram ortodoxos em relação à crença islâmica, já que quando os povos africanos entravam em contato com o Islã, eles se apropriavam dele de acordo com suas necessidades e culturas. Contudo, isto não significa que estes povos não possam ser caracterizados como islâmicos, uma vez que “nosso foco é na religião encarnada nas pessoas que a vivenciam e se identificam como muçulmanas, pois a auto atribuição e o reconhecimento pela comunidade envolvente são os principais referenciais na produção de identidades.”³⁵ Ou seja, estes povos reconheciam-se e eram identificados pelos outros como islamizados, isto faz com que eles sejam islâmicos, ainda que o Islã tenha sofrido alterações e acomodações entre eles.

Sobre os Jalofos, o padre faz apenas uma classificação rápida: “Depois dos fulos se segue os Jalofos; estes começam no rio Senegal da banda do Sul e correm ao longo da costa até os Barbacins (...) segue todos a seita de mafoma (...)”.³⁶ Já sobre os Mandingas, encontramos mais referências em suas cartas:

³¹ RECHEADO. *As missões Franciscanas na Guiné (Século XVII)*, p. 26.

³² CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre João Álvares, p.163.

³³ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre João Álvares, *MMA*, IV, p.164.

³⁴ MOTA. *Entre Mouros e Cristãos: os Mandingas da “Guiné do Cabo Verde”*. p.181-182.

³⁵ MOTA, *Entre Mouros e Cristãos: os Mandingas da “Guiné do Cabo Verde”*. p.180.

³⁶ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre João Álvares, p.163.

Estes descem por uma parte e outra do Rio Gâmbia mais de 200 léguas, da banda do Norte e da banda do Sul pelo Sertão. [...] Segue a Seita de Mafoma como os mais que atrás ficam, e tem mesquitas e escolas de leis e escrever, e muitos casizes que levam esta peste a outros reinos da banda do sul, enganando a gente com nominas que fazem de metal e de couro, muito bem lavrados, em que mete escritos cheios de mentiras, afirmando que tendo consigo estas nominas nem na guerra nem na paz haverá coisa que lhe faça mal.³⁷

Através desta carta percebemos que Baltazar Barreira identifica que os Mandingas têm mesquitas e escolas, estas são informações preciosas, na medida em que ficamos sabendo que existiam locais onde as pessoas se reuniam por razões religiosas e também locais onde os Bexerins (pregadores do Islã) ensinavam e divulgavam o islamismo através do ensino da leitura e da escrita. Acreditamos, portanto, que o desenvolvimento do Islã deu-se através da propagação realizada pelos Bexerins e por meio de instituições como as mesquitas e escolas.

De acordo com o Padre Baltasar os casizes levavam a diversos reinos nominas que tinham a função de enganar os povos. Sabemos que estas nominas, correspondem às famosas “bolsas de mandingas”. Estas nominas eram colares de couro cozido, costuradas que continham dentro pequenas partes do Alcorão escritas em um pedaço de papel, que funcionavam como amuleto, talismã para quem os utilizava. Ou seja, as pessoas acreditavam que utilizando aqueles colares estavam protegidas, já que eles possuíam um caráter curativo e miraculoso, por isso eram distribuídos por figuras tão importantes, os Bexerins.

Existe uma preocupação evidente nas cartas do Padre Baltasar Barreira em identificar quais povos sofriam a influência do islamismo e como a concorrência islâmica acentuada na Guiné dificultava a conversão na região. Por isso, em várias cartas, o Padre fala de “quã falsa era a doutrina e ley deste ministro do diabo”³⁸ reclama da presença dos Bexerins e das dificuldades que eles representam a propagação do cristianismo:

Tem estes casizes quasi em todos os Reinos huã ou mais aldeas apartadas, em que vive com muytos privilégios que os portugueses não tem. São muy acatados de todos e consultados nas coisas da guerra e da paz, tratam em escravos que vendem aos Mouros de Berberia e aos Portugueses destas partes; e com este titulo entrão aonde querem, e semeão suas falsidades; e posto que as outras nações que estão para o Sul as não segue em tudo, hé todavia grande impedimento o que lhes ensinam para receber nossa Santa Fee.³⁹

Percebemos através deste trecho e das leituras de outras cartas do Padre Baltasar Barreira que os Bexerins eram pregadores do Islã que também realizavam transações comerciais, ou seja, transitavam pela Guiné com objetivos comerciais e religiosos. Estes Bexerins eram bem recebidos por onde passavam, já que a população considerava que eles tinham importantes

³⁷ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre João Álvares, p.166.

³⁸ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial de Portugal, 01/01/1610. In: *MMA*. 1965, IV, p.371.

³⁹ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre João Álvares, *MMA*, IV, p.166.

poderes, por isso quando uma guerra estava para começar eles sempre eram consultados, quando alguém estava doente o Bexerim socorria com seus conhecimentos das ervas, quando o povo estava abalado diante da falta de chuvas e colheitas perdidas a população contava com a ajuda do Bexerim. Por todos estes fatores, eles eram bem recebidos por toda parte e os jesuítas os consideravam como inimigos e parceiros do diabo.

Para o Padre Baltasar Barreira a presença do islamismo e principalmente dos Bexerins na Guiné representava um perigo e uma dificuldade para a expansão do cristianismo nesta região e para o sucesso da missão jesuíta pela qual ele era responsável. Por esta razão, ele se preocupa em descrever nas suas cartas quem eram os povos islamizados, como os Bexerins tinham poder nesta região e como era responsabilidade da Coroa enviar mais missionários e mais verbas para combater a disseminação do islamismo. Porém, é preciso destacar que os pedidos e esforços do padre não foram suficientes para dar a missão o sucesso esperado. É preciso compreender que a centralização por parte da Coroa portuguesa nos reinos da África Centro Ocidental fez com que a região da Guiné, de certa forma fosse legada a uma posição periférica e com isto poucos investimentos foram realizados. Além disso, a missão jesuíta também foi fragilizada pelas práticas religiosas africanas, como veremos no próximo tópico.

Práticas Religiosas Africanas

O que é evidente nas cartas do Padre Baltasar é a preocupação em demonstrar que a Guiné estava dividida entre povos islamizados e os chamados “gentios”. Ao descrever os povos da Guiné, o principal corte operatório que ele estabelece é o dos povos já islamizados, sobretudo dos que se situavam a norte do Rio Gâmbia, sob a influência dos Mandingas. E os povos que viviam ao sul daquele rio, os “gentios”, enfoque do trabalho dos missionários. Por isso, o destino final da maior parte dos jesuítas que missionaram nesta região é a Serra Leoa, que se revelou para estes missionários o mais frutífero local de conversão.

A associação de alguns povos da Guiné com o termo “gentio” não é ingênua, tem relação com “a interpretação da genealogia bíblica, nela os Gentios e os Cristãos são amigos naturais por descenderem ambos de Sem e Jafet, por contraste da inimizade natural entre os Cristãos e os Mouros, pertencentes a geração de Cam;”⁴⁰ Vale ressaltar, no entanto, que o aumento da escravização dos negros foi acompanhada por uma construção ideológica que distorceu o texto bíblico e relacionou a questão da escravidão a maldição lançada por Noé contra os descendentes de Cam. Embora no texto bíblico expresse claramente que a maldição deveria cair sobre Canaã, e não sobre a África. A maldição de Cam foi utilizada com o intuito de justificar a escravidão e ao

⁴⁰ HORTA. *A representação do africano na literatura de Viagens, do Senegal à Serra Leoa (1453-1508)*. p.262.

mesmo tempo de apresentar a escravidão como positiva, já que ela seria um meio de converter os descendentes amaldiçoados a “verdadeira” fé.

Os “gentios” para Baltasar Barreira são aqueles que não têm religião, são caracterizados pela ausência de lei, adoram ídolos, praticam encantamentos, feitiços e sortilégios e podem ser facilmente convertidos. Esta opinião inicial do padre vai aos poucos sendo modificada a medida que ele percebe que a conversão destes povos não é tão simples como ele imaginava.

No ano de 1610, depois de seis anos naquela terra, Baltasar Barreira vai alterando suas visões positivas. Se antes a terra era muito sadia e prometia grandes realizações, agora ele alegava que a companhia não queria aceitar a missão:

...que esta missão foy pretendida muitos anos sem a Companhia a aceitar, por entender que somente serviria de morrere nela os obreiros que mandasse [que se acetou por dar gosto a S. Magestade], que são mortos nella tantos e tâ bõs sogeitos, a má calidade da terra, e como pera haver gente que queira tresidir nella hé necessário fazerlhe favores, e não estreitarlhos mais que aos que vive e Europa e em terras sadias.⁴¹

Em 1612, ano de sua morte, o padre envia uma carta ao Provincial dos Jesuítas afirmando que seria melhor não fundar uma Casa ou Colégio na cidade de Santiago, o padre estava descontente com as atitudes do governador de Cabo Verde e cada vez mais descrente na possibilidade do sucesso daquela missão:

[...] daqui pode V. R collegir com quanta razão somos de parecer que não convem fundarmos casa nesta Ilha, a risco de termos nela a cada três anos Governador que nos caluniam como este, além de outros inconvenientes intoleráveis que em outra carta aponto; ⁴²

Antes desta frustração diante do fracasso da Missão, Baltasar Barreira escreve cartas que trazem informações sobre as práticas religiosas que ele percebe ao passar por Bissau, Guinala, Biguda e Serra Leoa. Descreve, principalmente, as práticas religiosas dos Beafares, Barbacins e dos povos que viviam na Região de Serra Leoa.

Sobre os Beafares, Baltazar Barreira afirma que ele esta empenhado na “conversão desta gentilidade” ⁴³ e que deseja que “pelo menos até a Pascoa ver se posso desarraigat alguns vícios de má costa que, são muy comuns na Guiné.” ⁴⁴ Baltasar afirma que o Rei dos Beafares estava doente, no momento em que ele chegou, por esta razão ele teve que tratar com os principais do

⁴¹ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre André Álvares, 08/01/1610. In: *MM4*. 1965, IV, p.402/403.

⁴² CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial dos Jesuítas, 19/03/1612. In: *MM4*. 1965, IV, p.485.

⁴³ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre Manuel de Barros, 28/01/1605. In: *MM4*, 1965, IV, p.54.

⁴⁴ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre Manuel de Barros, p.58.

Reino e com o Loreguo, “que é a segunda pessoa depois delRej”⁴⁵, sobre as questões de fé. O padre afirma que eles:

Aceitaram tudo o que lhes disse com mostras de grande alegria e diziam que elles querião ser os primeiros que se bautisassem e que elRej faria o mesmo, e facarião todos com huã só mulher, que hé a maior deficuldade que há na conversão desta gentilidade. Dizião mais que Deus nos trouxera aly não somente pera bem de suas almas, mas também para conservação e aumento de seu Reino e bens temporaes.⁴⁶

Percebemos através deste trecho que o Padre reconhece que existiam algumas práticas que dificilmente eram alteradas e que dificultavam a tentativa de conversão, uma delas era a questão da união com várias mulheres. Na Guiné era permitido que o homem tivesse várias mulheres, desde que, conseguisse e tivesse meios para mantê-las. Concluímos a partir deste trecho que os representantes dos Beafares entendiam a aceitação da fé cristã como uma possibilidade de aumentar o seu Reino e conseguir benefícios. Ou seja, como uma possibilidade de negociação.

Barreira também cita outra prática que os Beafares tinham dificuldade em abandonar:

Entre outras coisas que procurei persuadir-lhes (...), foy que, se El Rei moresse, não matassem gente, porque tem por costume matar muitas de suas mulheres e de seus criados, e até o cavalo em que andava, por lhes meter o diabo em cabeça que aquelas que matão ande tornar a ser suas mulheres na outra vida, e o mesmo dos criados e cavalos.⁴⁷

Nesta carta, o padre nos deixa informações importantes sobre as cerimônias fúnebres e sobre como os Beafares entendem a morte. Os Beafares acreditam que a comunidade corresponde a um espaço que sustenta constante relação entre os vivos e os mortos. Para eles, o universo se interliga, por isto quando o rei morre seu espírito ainda está vivo e por isso matam suas mulheres, criados e cavalos, para que todos estes continuem o servindo. Os Beafares acreditam que caso estas cerimônias não sejam realizadas, isto pode gerar uma insatisfação neste espírito. Esta insatisfação não é benéfica para a comunidade, porque o espírito tem o poder de interferir no mundo dos vivos, por isso, a comunidade tenta sempre satisfazer o espírito para que ele não cause nenhum infortúnio.

Ainda na terra dos Beafares, Barreira afirma que “desejo fundar a fé em um Reino destes, para que dele se estenda a outros.”⁴⁸ Entretanto, não consegue difundir o cristianismo da forma como esperava nestes Reinos.

⁴⁵ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre Manuel de Barros, p.55.

⁴⁶ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre Manuel de Barros, p.55/56.

⁴⁷ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre Manuel de Barros. MMA, IV, p.56.

⁴⁸ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre Manuel de Barros. p.58.

Já sobre os Barbacins, Baltasar Barreira observa que eles acreditam nos Janbacoses, “Jabacoses, que assim chamam os feiticeiros que adivinham, e curão cõ remédios, e cõ palavras aprendidas na escola de Satanás, e por esta causa era aly muy desejada a Companhia.”⁴⁹ Os Janbacoses eram sacerdotes das religiões tradicionais da Costa da Guiné e tinham como função principal identificar os feiticeiros e comedores de alma que provocavam enfermidades e mortes. Eles seriam os intermediários entre o mundo visível e o invisível, intercedendo junto aos ancestrais, e eram também responsáveis por realizar cerimônias e adivinhações.

Para compreender o significado e a função dos Jabacoses para as sociedades da Guiné, é necessário observar que a religião destes povos preocupava-se simultaneamente com o corpo e a alma. Sendo assim, acreditavam que se uma pessoa estava doente, esta doença tinha relação com uma desordem intencional (entre o corpo e a alma) que muitas vezes era provocada por um ser humano, reconhecido pela sociedade como feiticeiro, comedor de almas. Portanto, o significado da doença está ligado a esfera do sagrado e a doença só pode ser compreendida dentro do contexto em que vive o doente. Com o objetivo de identificar a causa sobrenatural da doença, a população se dirige ao Janbacose. O Janbacose identificava quem havia causado o mal a pessoa e ao mesmo tempo utilizava seus conhecimentos sobre as ervas para curar a mesma. Percebe-se, portanto, que os Janbacoses realizavam a cura do físico e do espiritual.

Além da presença dos Janbacoses, Baltasar Barreira aponta outras dificuldades para a conversão dos Barbacins. Entre elas: a dificuldade de aceitar o casamento com apenas uma mulher, além de “serem dados a idolatria, e não haver casa, nem caminho, nem lugar em que não tenham muytas chinas, que são os seus ídolos, nos quais creem e confiam como se tivesse na mão o que lhe pedem.”⁵⁰

Já Serra Leoa, é a terra onde o padre Baltasar cria mais expectativas sobre a conversão. Diante disso, apresenta este espaço de forma extremamente favorável, afirma que a terra é sadia e de bons ares.⁵¹ Afirma que o Rei de Serra Leoa, o recebeu com amor e alegria, construiu uma Igreja para o Padre e desejava participar das cerimônias.⁵²

Em Serra Leoa, o Padre Baltasar Barreira batiza o Rei, que após o Batismo, passa a se chamar Filipe de Leão.⁵³ Para ser batizado o Rei tem que escolher uma mulher para se casar, o Rei aceita a condição e manda vir uma filha de seu vizinho para o casamento. Entretanto, ao saber das condições em que seria realizada a união, de acordo com princípios cristãos, a moça se

⁴⁹ CARTA ânua do Padre Baltasar Barreira ao Provincial de Portugal, 01/01/1610. In: MMA, 1965, IV, P.378.

⁵⁰ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Padre João Álvares, 01/08/1606. In: MMA, 1965, IV, P.172.

⁵¹ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial da Companhia de Jesus, 20/02/1606. In: MMA, 1965, IV, P. 97.

⁵² CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial da Companhia de Jesus, p. 99.

⁵³ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial da Companhia de Jesus, p.105.

recusa a casar e volta para sua terra.⁵⁴ Esta situação demonstra de certa forma a resistência de muitos povos a aceitar as modificações sugeridas pelo cristianismo. Nesta situação, uma mulher recusa-se a casar com o Rei de Serra Leoa, porque o casamento não seguia as regras locais. Mas ao mesmo tempo, demonstra o interesse do Rei de Serra Leoa de ser batizado, já que diante da insistência dele e de alguns portugueses, Baltasar Barreira aceita realizar o batismo, mesmo sem ter sido realizado o casamento. Já que, “do bom exemplo deste rei, depende a conversão de muitos reinos, especialmente os vizinhos a esta Serra.”⁵⁵

Algum tempo após o batismo do Rei, o pai de Filipe Leão morre. Diante desta morte, Baltasar Barreira afirma:

Pois fiz menção do rei que morreu nesta terra, não quero passar sem dizer como querendo os outros seus filhos e a gente do reino matar algumas de suas mulheres a que chamam chinas, e alguns criados para os enterrar com ele, como se costuma fazer em todos os Reinos desta Guiné...⁵⁶

Percebe-se que era costume em Serra Leoa, assim como entre os Beafares, o sacrifício de mulheres e criados que deveriam servir ao Rei no outro mundo, no mundo dos mortos. Mas após ser batizado, Felipe de Leão não permite que estes sacrifícios sejam na morte de seu pai. Depois do batismo de Felipe Leão, Baltasar consegue realizar o batismo de várias figuras importantes em Serra Leoa.

Notamos que a ação realizada pelo padre em Serra Leoa é distinta da ação realizada nas outras partes da Guiné. Em Serra Leoa é um tipo de ação em profundidade que o padre terá a oportunidade de realizar. Após a catequização do rei local, vários membros de sua família são batizados. Estes resultados vêm a persuadir Baltasar Barreira “de que a melhor base de fixação e o trabalho mais frutífero que poderiam fazer se centrava na área de Serra Leoa, onde pensa poder vir a constituir a tão ansiada cristandade da Guiné.”⁵⁷ Contudo, é importante ressaltar que o sucesso da missão em Serra Leoa é apontado por Baltasar Barreira em suas cartas, mas em fontes inglesas esta conversão por parte do rei de Serra Leoa e de seus familiares não aparece.

Nuno da Silva Gonçalves afirma que Paul Hair teve a oportunidade de analisar os diários de viagem ingleses, frutos do período em que navios ingleses sobre o comando de Willian Keeling, permaneceram na Serra Leoa, em 1607. De acordo, com Nuno da Silva, Paul Hair acredita que estes diários “constituem um suplemento e até uma retificação das informações que

⁵⁴ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial da Companhia de Jesus, p.104.

⁵⁵ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial da Companhia de Jesus, p.105.

⁵⁶ CARTA do Padre Baltasar Barreira ao Provincial da Companhia de Jesus, p. 102.

⁵⁷ SANTOS, Maria Emília Madeira. SOARES, Maria João. Igreja, Missionação e Sociedade. In: *História Geral de Cabo Verde*. Volume II. SANTOS, Maria Emília Madeira (coord.). Lisboa. Praia: ICT. 1995. P.445.

nos são transmitidas pela documentação portuguesa, especialmente a produzida pelos padres da Companhia.”⁵⁸

Paul Hair analisa nestes diários ingleses que existe a descrição de contatos amistosos entre comerciantes ingleses e o rei de Serra Leoa (*Burê*- D. Filipe de Leão) e que os ingleses se referem ao rei de Serra Leoa com a sua denominação africana *Burê*. Além disso, Paul Hair observa que é muito curioso o fato dos ingleses desconhecerem que *Burê* tivesse sido batizado. Nuno da Silva Gonçalves afirma:

Paul Hair comenta que seria grande o espanto dos comerciantes ingleses se soubessem que nas cartas dos jesuítas divulgadas na Europa, D. Filipe de Leão era exaltado como exemplo de rei afriocano convertido ao cristianismo. Mas lembra, ao mesmo tempo, fazendo justiça aos jesuítas, que, embora o P. Barreira continuasse a manifestar até à morte a sua convicção na conversão sincera de D. Filipe, pelo contrário, o seu companheiro, P. Manuel Álvares, viria a manifestar, poucos anos depois, grande desilusão em relação à profundidade desta e de outras conversões.⁵⁹

Percebe-se através dos estudos de fontes inglesa realizadas por Hair que é necessário relativizar o discurso do Padre Baltasar Barreira de que as principais figuras de Serra Leoa teriam passado por um processo rápido de conversão. Estes processos de conversão não foram tão simples, em Serra Leoa, como Barreira aponta em suas cartas. Mesmo assim suas cartas continuam sendo importantes referências para o estudo da religião nesta região, mas é preciso ter em conta a necessidade de realizar um trabalho metodológico serio com estes documentos.

Considerações Finais

Hoje parece lógico afirmar que fontes europeias podem ser utilizadas para a construção da História da África. Entretanto, este nem sempre foi um posicionamento tão claro. Basta lembrar que em 1960, influenciados pelo contexto da descolonização, inúmeros pesquisadores rejeitaram os documentos europeus como fontes úteis para a construção da História da África. Entretanto, já em 1986, na Alemanha, importantes figuras como Adam Jones e Beatrix Heizte iniciaram uma longa defesa da utilização destas fontes.

Acredito que as cartas do Padre Baltasar Barreira constituem ainda um potencial a ser explorado e que podem e devem ser utilizadas na construção da História da África, desde que se realize um trabalho metodológico com estas fontes, perguntando-se sempre: Quem escreveu? Para quem escreveu? Com qual intenção escreveu? Onde se manifesta a presença do

⁵⁸ GONÇALVES, Nuno da Silva. Os jesuítas Portugueses e a Serra Leoa/ A Atividade do Padre Baltasar Barreira. *Brotéria*, n. 141. 1995, p. 563.

⁵⁹ _____. *Os jesuítas Portugueses e a Serra Leoa/ A Atividade do Padre Baltasar Barreira*, p. 565.

etnocentrismo nestas fontes? Quais obras foram consultadas e influenciaram a escrita da fonte utilizada? Estas são perguntas simples que devem ser permanentemente realizadas pelo historiador ao trabalhar com qualquer documento. Acredito que os esforços do historiador devem sempre caminhar no sentido de procurar metodologias para o trabalho com diversificadas fontes e não no sentido de descartar documentos que são relevantes para História.